



Prova de Bolsa 2026 – Questões objetivas

Texto I: Após protesto, indígenas Munduruku são recebidos por presidente da COP

Pedro Rafael Vilela – Repórter da Agência Brasil

- 1** Lideranças do povo Munduruku foram recebidas, na manhã desta sexta-feira (14), em Belém, pelo presidente da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), André Corrêa do Lago, após um protesto pacífico na entrada principal do evento. A manifestação transcorreu sem incidentes, e apenas impactou em um tempo maior de entrada dos participantes da COP.
- 2** A reunião ocorreu em um edifício anexo ao Tribunal de Justiça do Pará (TJ-PA), que fica nas proximidades da Zona Sul, a área oficial de negociações da COP30. Além de Corrêa do Lago, o encontro contou com as presenças das ministras Sônia Guajajara (Povos Indígenas) e Marina Silva (Meio Ambiente e Mudança do Clima).
- 3** "Nós trouxemos eles aqui para ter um diálogo com as duas ministras e comigo, e foi um diálogo muito construtivo, muito positivo, mas realmente eles têm preocupações muito fortes e muito legítimas e nos transmitiram dois documentos que nós recebemos formalmente e que vamos procurar levar adiante todas as preocupações que eles têm."
- 4** Os indígenas pedem que Lula revogue o Decreto nº 12.600/2025, que prevê a privatização de empreendimentos públicos federais do setor hidroviário, incluindo no Rio Tapajós. Em nota, o Movimento Munduruku Ipereg Ayu denunciou que o corredor Tapajós-Arco Norte é um dos principais vetores de avanço do agronegócio sobre a Amazônia, de acordo com dados do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc).
- 5** O povo Munduruku também protesta contra as negociações climáticas internacionais que, segundo eles, tratam as matas nativas como meros ativos de crédito de carbono. Em alguns dos cartazes do grupo, era possível ler frases como "Nossa Floresta não está à venda" e "Não negociamos a Mãe Natureza".
- 6** A jornalista, a ministra Sônia Guajajara classificou a manifestação como legítima e informou que os indígenas cobraram esclarecimentos sobre processos demarcatórios envolvendo duas áreas tradicionalmente ocupadas por eles, a Sawre Ba'pim e a Sawré Muybu, ambas no município de Itaituba, na bacia do Rio Tapajós.
- 7** "O processo demarcatório do Sawré Muybu já foi assinado pelo ministro [Ricardo] Lewandowski [da Justiça e Segurança Pública], ainda no ano passado. Está agora com a Funai [Fundação Nacional dos Povos Indígenas], que já está contratando uma empresa para fazer o processo da demarcação física, que é a instalação dos marcos, das placas nos limites do território." Sobre a demarcação do território Sawre Ba'pim, a ministra informou que o processo está no Ministério da Justiça, com o ministro Lewandowski, para que seja assinada a portaria declaratória.
- 8** A ministra Marina Silva disse ainda que não há pedido de licenciamento da Ferrogrão em análise pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama): "Esse processo está judicializado. Quando foi apresentado o EIA/RIMA [Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental], estava muito ruim, o Ibama devolveu. Desde então, não foi reapresentado, mas a preocupação deles continua e é uma preocupação legítima."
- 9** Sobre a privatização das hidrovias, Marina Silva disse que encaminhará a demanda dos indígenas para o Ministério dos Transportes. Já sobre a participação na COP30, a ministra Sônia Guajajara afirmou que 360 lideranças indígenas de todo o Brasil estão credenciadas para acompanhar as negociações na Zona Azul, sendo 150 de povos da Amazônia: "Lógico que não houve ali a contemplação de todos os povos da Amazônia, uma vez que é uma diversidade imensa. [Mas] a Alessandra [Munduruku] está credenciada na zona azul. Ela está representando os Mundurukus nesse credenciamento. A gente conseguiu ampliar pela primeira vez na história a participação indígena. Essa participação nunca houve na história das COPs", observou.
- 10** Segundo Alessandra Munduruku, o grupo mantém o pedido de reunião com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, especialmente para revogar o decreto que autoriza concessão de hidrovias na bacia do Tapajós: "A gente quer uma resposta do Lula, principalmente [sobre] o decreto."

VILELA, P. R. Após protesto, indígenas Munduruku são recebidos por presidente da COP. Agência Brasil, Belém, 14 nov. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-11/apos-protesto-indigenas-munduruku-sao-recebidos-por-presidente-da-cop>. Acesso em: 17 nov. 2025.

1. Considerando o sentido e as ideias presentes no texto I, julgue (C ou E) as assertivas a seguir.

- I. A predominância da linguagem denotativa no texto evidencia tanto o caráter referencial, que o define como informativo, quanto a concisão da linguagem nele empregada.

II. Em “**Não negociamos a Mãe Natureza**” (5º parágrafo), a expressão “**Mãe Natureza**” produz efeito semântico de personificação e reforça a ideia de vínculo ancestral entre o povo Munduruku e o ambiente natural.

III. O trecho “**Sobre a privatização das hidrovias, Marina Silva disse que encaminhará a demanda dos indígenas para o Ministério dos Transportes.**” (9º parágrafo) exemplifica figura de linguagem denominada anacoluto.

IV. Em “**Nós trouxemos eles aqui para ter um diálogo com as duas ministras e comigo, e foi um diálogo muito construtivo, muito positivo, mas realmente eles têm preocupações muito fortes e muito legítimas e nos transmitiram dois documentos que nós recebemos formalmente e que vamos procurar levar adiante todas as preocupações que eles têm.**” (3º parágrafo), pelo sentido da frase, o conectivo **visto que** é que deveria ter sido empregado no lugar do destacado.

2. Julgue (C ou E) os itens a seguir, com base nos aspectos linguísticos do texto I.

I. Não se pode afirmar que as palavras em destaque em “**Os indígenas pedem que Lula revogue o Decreto nº 12.600/2025, que prevê a privatização de empreendimentos públicos federais**” (4º parágrafo) pertencem à mesma classe gramatical.

II. A forma pronominal empregada em “**a preocupação deles**”, no período “**Desde então, não foi reapresentado, mas a preocupação deles continua e é uma preocupação legítima**” (8º parágrafo), refere-se aos indígenas, grupo formado por 360 lideranças indígenas, entre as quais se encontram 150 de povos da Amazônia.

III. Para tornar o período “**A manifestação transcorreu sem incidentes, e apenas impactou em um tempo maior de entrada dos participantes da COP.**” (1º parágrafo) adequado à norma-padrão da língua, ele deveria ser reescrito como **A manifestação transcorreu sem incidentes, e apenas impactou um tempo maior de entrada dos participantes da COP.**

IV. No trecho “**Em alguns dos cartazes do grupo, era possível ler frases como ‘Nossa Floresta não está à venda’ e ‘Não negociamos a Mãe Natureza’**”, a vírgula deveria ser retirada, em razão de isolar termo integrante que complementa a forma verbal “**ler**”.

Texto II: Paixão pela mercadoria

Davi Kopenawa, Bruce Albert

1 No começo, a terra dos antigos brancos era parecida com a nossa. Lá eram tão poucos quanto nós agora na floresta. Mas seu pensamento foi-se perdendo cada vez mais numa trilha escura e emaranhada. Seus antepassados mais sábios, os que Omama criou e a quem deu suas palavras, morreram. Depois deles, seus filhos e netos tiveram muitos filhos. Começaram a rejeitar os dizeres de seus antigos como se fossem mentiras e foram aos poucos se esquecendo deles. Derrubaram toda a floresta de sua terra para fazer roças cada vez maiores. Omama tinha ensinado a seus pais o uso de algumas ferramentas metálicas. Mas já não se satisfiziam mais com isso. Puseram-se a desejar o metal mais sólido e mais cortante, que ele tinha escondido debaixo da terra e das águas. Aí começaram a arrancar os minérios do solo com voracidade. Construíram fábricas para cozê-los e fabricar mercadorias em grande quantidade.

2 Então, seu pensamento cravou-se nelas e eles se apaixonaram por esses objetos como se fossem belas mulheres. Isso os fez esquecer a beleza da floresta. Pensaram: “Haixopê! Nossas mãos são mesmo habilidosas para fazer coisas! Só nós somos tão engenhosos! Somos mesmo o povo da mercadoria! Podemos ficar cada vez mais numerosos sem nunca passar necessidade! Vamos criar também peles de papel para trocar!”. Então fizeram o papel de dinheiro proliferar por toda parte, assim como as panelas e as caixas de metal, os facões e os machados, facas e tesouras, motores e rádios, espingardas, roupas e telhas de metal. Eles também capturaram a luz dos raios que caem na terra. Ficaram muito satisfeitos consigo mesmos. Visitando uns aos outros entre suas cidades, todos os brancos acabaram por imitar o mesmo jeito. E assim as palavras das mercadorias e do dinheiro se espalharam por toda a terra de seus ancestrais.

3 É o meu pensamento. Por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite. Fechou-se para todas as outras coisas. Foi com essas palavras da mercadoria que os brancos se puseram a cortar todas as árvores, a maltratar a terra e a sujar os rios. Começaram onde moravam seus antepassados. Hoje já não resta quase nada de floresta em sua terra doente e não podem mais beber a água de seus rios. Agora querem fazer a mesma coisa na nossa terra.

4 Na nossa língua, demos aos objetos dos brancos o nome de matihi. Usamos essa palavra para falar das mercadorias, mas ela existia muito antes de esses forasteiros chegarem até nossa floresta. É uma palavra muito antiga, uma palavra do começo. Antigamente, eram outras coisas que nossos maiores nomeavam com ela. Chamavam de matihi todos os adornos com que se arrumavam para as festas reahu: os tufos de caudais de arara, os rabos de tucano, as braçadeiras de cristas de mutum e jacamim que ornavam seus braços e as pequenas penas

de papagaio e cujubim que enfiavam no lobo das orelhas. Também caçavam pássaros sei si, hëima si e wisawisama si, pela beleza de seus despojos, que também nomeavam matihi.

5 Assim, antes de uma festa reahu, os grandes homens que convidavam seus aliados nunca deixavam de exortar os rapazes de sua casa, clamando: “Vão flechar matihi, para não parecerem feios e maus caçadores em sua dança de apresentação!”. As moças, cheias de admiração, diziam dos rapazes que usavam muitos desses adornos de penas: “Como está lindo! Está coberto de matihi!”. E os outros habitantes da casa aprovavam: “Awei! Ele é um ótimo caçador de matihi!”. Assim era. Para nós, xamãs, essa palavra é também muito valiosa porque nomeia bens que pertencem a Omama e aos xapiri que ele criou. A visão desses enfeites torna nosso pensamento claro e forte. Por essa razão, a palavra que os designa também tem valor de espírito: ela evoca a beleza dos xapiri que são seus donos e nos faz pensar nele.

6 Contudo, quando um de nós morre, também chamamos matihi os ossos que recolhemos de suas carnes putrefatas para queimar. Depois, suas cinzas são moídas num pilão e guardadas numa pequena cabaça pora axi. Também essa cabaça de cinzas tem o mesmo nome: matihi. Os ossos dos mortos e suas cinzas são coisas que não se pode destratar! Por isso a força dessa palavra, matihi, está associada desde sempre a eles. Se um convidado descartar as cinzas funerárias que lhe foram confiadas, enfrentará em seguida a vingança dos familiares do morto. Se disser: “Joguei na floresta o resto das cinzas de sua cabaça pora axi; não era muito seu amigo!” Se alguém for contar isso aos parentes do falecido, eles vão ficar enfurecidos e logo vão querer brigar! Também vão ficar furiosos se a pessoa encarregada de enterrar as cinzas ao lado de sua fogueira durante uma festa reahu as despejar no fogo por descuido. Ninguém destrata as cinzas dos ossos de um morto sem consequência! E quando são as de um homem valente e trabalhador, ou de um antigo xamã que sabia mesmo mandar para longe os seres maléficos, tomamos mais cuidado ainda! Não é à toa que chamamos as cinzas e os ossos de nossos mortos de matihi! Nossos antepassados nos deram essa palavra poderosa, porque o valor que damos a essas coisas é maior até do que o que os brancos dão ao ouro que tanto cobiçam.

7 Quando viram a profusão de objetos estranhos que eram guardados nos acampamentos dos brancos, nossos antigos, que nunca tinham visto nada parecido, ficaram muito excitados. Foi então que, pela primeira vez, puderam ver facões e machados novos, painéis de metal brilhante, grandes espelhos, peças de pano vermelho, redes enormes de algodão colorido e espingardas barulhentas como trovões. Então pensaram: “Todas essas coisas são realmente lindas! Esses forasteiros devem ser mesmo muito habilidosos, já que tudo o que tocam fica tão bonito! Devem ser mesmo engenhosos, para possuírem tantos objetos valiosos!”. Foi assim que começaram a desejar muito as mercadorias dos brancos e deram a elas também o nome de matihi, como se fossem adornos de plumas ou cinzas dos ossos dos mortos. Depois, conforme as foram conhecendo melhor, deram um nome a cada uma delas, para poderem pedi-las aos forasteiros. Estavam muito empolgados, e ainda nem imaginavam que esses objetos novos traziam em si as epidemias xawara e a morte.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

3. Julgue (C ou E) os itens seguintes quanto aos aspectos morfossintáticos e semânticos do texto II.

I. Em “**Ninguém destrata as cinzas dos ossos de um morto sem consequência!**” (6º parágrafo), empregou-se figura de linguagem denominada metonímia.

II. Em “**Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite. Fechou-se para todas as outras coisas.**” (3º parágrafo), não se pode afirmar que as palavras em destaque apresentam mesma classificação morfossintática.

III. A preposição “**Por**”, empregada em “**Por quererem possuir todas as mercadorias**” (3º parágrafo) e em “**durante uma festa reahu as despejar no fogo por descuido.**” (6º parágrafo), é nocional e introduz termos acessórios nas orações em que se insere.

IV. A locução verbal que compõe o período “**Aí começaram a arrancar os minérios do solo com voracidade.**” (1º período) apresenta noção de aspecto incoativo.

4. No que diz respeito aos aspectos gramaticais e linguísticos do texto II, julgue (C ou E) os seguintes itens.

I. Em “**Começaram onde moravam seus antepassados. Hoje já não resta quase nada de floresta em sua terra doente e não podem mais beber a água de seus rios.**” (4º parágrafo), os verbos “**moravam**” e “**resta**” apresentam a mesma transitividade, diferentemente do que acontece com a locução verbal “**podem beber**”.

II. O período “**Antigamente, eram outras coisas que nossos maiores nomeavam com ela.**” (4º parágrafo) é composto por duas orações, as quais apresentam, respectivamente, predicado nominal e predicado verbal.

III. A vírgula presente no último período do texto deveria ser retirada, em razão de separar oração coordenada aditiva introduzida pela conjunção “**e**”, a qual apresenta mesmo sujeito em relação à oração anterior.

IV. Os termos em destaque em “As moças, **cheias de admiração**, diziam dos rapazes que usavam muitos desses adornos de penas” (5º parágrafo) e em “Para nós, **xamãs**, essa palavra é também muito valiosa porque nomeia bens que pertencem a Omama” (5º parágrafo) exercem a mesma função sintática.

Texto III: Os filhos das águas dos Solimões

Márcia Kambeba

- 1 A água é a mãe que sustenta
- 2 A vida que nasce como flor
- 3 Alimenta a planta e o ser vivente
- 4 É estrada onde anda o pescador.

- 5 Na enchente, vem veloz e furiosa
- 6 Derrubando ribanceiras e plantações
- 7 Afeta a vida do indígena e ribeirinho
- 8 É um ciclo, que se renova a cada estação.

- 9 Na vazante o rio quase some
- 10 E a praia começa a surgir
- 11 A água, agora bem calminha
- 12 Não tem forças para a roça destruir.

- 13 Nas margens de um rio em formação
- 14 Vive um povo que a água fez nascer
- 15 Em um parto de dor e emoção
- 16 Na várzea o Kambeba escolheu viver.

- 17 Mas em um contato fatal
- 18 Com um povo mais socializado
- 19 Fez dos herdeiros das águas
- 20 Um povo desaldeado.

- 21 Tomando seu solo sagrado
- 22 Sem dor, piedade ou compaixão
- 23 Os Kambebas foram escravizados
- 24 Apresentados à “civilização”
- 25 Exploraram a sua força
- 26 Forjando uma falsa proteção.

Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/3-poemas-de-marcia-kambeba/>

5. Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos e gramaticais do texto III, julgue (C ou E) os itens a seguir.

I. As figuras de linguagem empregadas como recursos estilísticos nos dois primeiros versos foram a prosopopeia e a metáfora.

II. O pronome relativo contido no verso “**É um ciclo, que se renova a cada estação**” (8º verso) exerce a mesma função sintática do termo a que se refere.

III. A palavra destacada no verso “**Derrubando ribanceiras e plantações**” (6º verso) não constitui nova oração, pois desempenha função de adjunto adverbial de modo, relacionado ao verbo principal da oração (“**vem**”).

IV. Caso os versos “**Fez dos herdeiros das águas / Um povo desaldeado.**” (19º e 20º versos) fossem reescritos como **Transformou os herdeiros das águas / em um povo desaldeado**, seria mantido o sentido original e, além disso, não haveria mudança na transitividade verbal nem no tipo de predicado que compõe a oração, no caso, verbo-nominal.